

A sustentabilidade no design da informação: o livro em questão

The sustainability in the information design: the issue of the book

Queiroz, Leila Lemgruber; M.Sc. – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
leilalemgruber@globo.com

Cavalcante, Nathalia Sá; M. Sc. - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
nathalia.sa.cavalcante@gmail.com

Resumo

O artigo busca aproximar a questão da sustentabilidade ao universo editorial, a partir de duas possibilidades com tecnologias diferenciadas que estão sendo desenvolvidas recentemente: o *e-paper* e o plástico com características próximas do papel. A idéia é questionar a resistência exercida por parte da sociedade e dos agentes produtores do livro, em relação à introdução de novos materiais como suporte editorial. O que se pretende não é defender a idéia da morte do livro. Trata-se de uma reflexão acerca de outras possibilidades gráficas, que possam dar conta do impacto sobre o crescimento da produção editorial do planeta. Isto pode significar uma mudança real de paradigma e de atitude na sociedade, e nos meios gráficos de criação e de produção.

Palavras Chave: design de informação, sustentabilidade, livro.

Abstract

The article objective is to approach the issue of sustainability to the editorial universe, through two possibilities with different technologies which are being recently developed: the e-paper and the plastic with characteristics similar to paper. The idea is to question the resistance from society and from the agents who produce books in relation to the introduction of news editorial supports. The purpose is not to protect the death of the book printed. It is a reflection about other graphics possibilities which can afford the impact of the growth about the editorial production in this planet. This may mean a real change of paradigm, mainly a change of attitude in society and within the graphic means of creation and production.

Keywords: information design, sustainability, book.

Anais do 8º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design

8 a 11 de outubro de 2008 São Paulo – SP Brasil ISBN 978-85-60186-03-7

©2008 Associação de Ensino e Pesquisa de Nível Superior de Design do Brasil (AEND|Brasil)

Reprodução permitida, para uso sem fins comerciais, desde que seja citada a fonte.

Este documento foi publicado exatamente como fornecido pelo(s) autor(es), o(s) qual(is) se responsabiliza(m) pela totalidade de seu conteúdo.

1. Introdução

François Truffaut no seu filme “Fahrenheit 451”, pensa um mundo onde os livros são proibidos e, quando descobertos, queimados impiedosamente. Tal cenário não é uma simples ficção, mas um fato que se repete ao longo da história da humanidade em lamentáveis experiências de regimes autoritários. No nazismo, por exemplo, a queima de livros era uma prática comum no combate ao pensamento livre. Mesmo com todos os esforços autoritários, a leitura persistiu. O conteúdo do texto perpetuou-se, independente do seu suporte, pois, as palavras possuem um esconderijo infalível: a memória. Misteriosa e flexível, ela sugere que o livro é pré-texto para a imaginação.

O livro pode ser considerado como um suporte no qual se fixam textos escritos. Segundo Pierre Lévy, o texto é algo além do objeto livro, do suporte ou do dispositivo. O texto é virtual, abstrato. Por conseguinte, pode ser capaz de se atualizar em muitos outros dispositivos. O texto possui vida própria, ainda que o seu sentido possa sofrer diferentes interpretações dependendo da forma a que está submetido, assim como do estado do observador ativo na recepção e na construção sensorial.

A história do livro passa por diferentes momentos e suportes. A escrita, inicialmente, esboça a sua imortalidade em peças de barro, em pedras, ossos e madeiras. Prossegue nas bibliotecas egípcias formadas pelos *papyrus* até encontrar um parceiro fiel na China. Com a invenção do papel, enfim, um suporte é criado e confeccionado pelo homem. Desde então, a escrita finca seu pouso nas folhas e folhas que acompanharam a história da humanidade numa tentativa frenética de registrar a mortalidade para além da própria existência, dando corpo à memória.

2. O livro no cenário da contemporaneidade

O paradigma do livro de papel estabeleceu-se e as tentativas de pensá-lo sendo produzido com outros materiais tiveram espaço nas artes plásticas. Livros estranhos surgiram. O livro sem foco do artista plástico Waltércio Caldas apresentou ao olhar o desafio de desvendar o imprevisto e ampliar o sentido de leitura visual. Um livro feito de pelos não serve para a leitura propriamente dita, mas ajuda a desconstruir a expectativa para qual, muitas vezes, nos rendemos. As artes plásticas antecipam questões que a sociedade gera e apresenta constantemente.

Voltemos à atenção aos livros comerciais que falam de ciência, literatura, poesia e samba. Os livros “bobos” e os livros que são capazes de nos fazer repensar a própria existência. Os livros interrompidos como o livro de Calvino¹. Os livros que são apenas e somente livros. Os livros que são objetos de consumo e também a materialização de afetos.

Tudo aquilo que é introduzido no sistema de consumo percorre um caminho durante seu processo de uso. Considerando por ora, os produtos não duráveis, alguns deles permanecem um tempo maior junto ao usuário. Esta permanência poderia ser justificada por alguns fatores bastante diferenciados entre si. É possível afirmar que o produto em questão está impregnado de certa *durabilidade*. Caberia por outro lado enxergar esta *permanência*, como ausência de impregnação de *modismos*.

Nossas bisavós ainda conviviam com os objetos, o objeto - em - si ainda existia e durava; a indústria como que produzia objetos um a um, e cada qual diferente do outro, em mais variedade do que quantidade. (Pignatari, 2002, p.19).

Assim, identifica-se uma relação *afetiva* entre indivíduo e artefato. Esta relação afetiva e subjetiva assegura a presença de uma linguagem do próprio artefato.

Natural, portanto, que tenhamos relações especiais com objetos para além do simples uso. Por exemplo, temos por certos objetos sentimentos como a um semelhante. Em realidade, valoramos constantemente os objetos que nos cercam. Mais desprezado ou mais querido - e desejado -, cada objeto ocupa um lugar em nossa hierarquia de valores. (Coelho, 2002, p.70).

O livro está impregnado de uma série de características que podem determinar a sua recepção. Um livro de pano, por exemplo, possui características no âmbito material e sensorial que podem despertar outros sentidos determinados pela sua especificidade. Para Roger Chartier, a forma contribui para o sentido, a partir do momento que “as formas que permitem sua leitura, sua audição ou sua visão participam profundamente da construção de seus significados”. Chartier desconsidera que o suporte seja neutro, pois para ele “os textos não existem fora dos suportes (sejam eles quais forem) que lhe são veículos”. Assim, registrado em pano, papel ou na tela de computador, um mesmo texto pode ser recebido de formas diferentes em função do meio a que está submetido. O suporte pode criar reflexões, levantar questionamentos e despertar outros olhares, já que é parte fundamental da leitura.

Os objetos permeiam as vidas dos indivíduos. O volume e a diversidade dos objetos são de tal ordem crescente, que se torna cada vez mais difícil enumerá-los de acordo com critérios de classificação objetiva, como: tamanho, forma, cor, duração, matéria-prima e funcionalidade. A tarefa também se torna árdua quando se pretende classificá-los segundo critérios subjetivos: beleza, conforto, intimidade, luminosidade e tantos outros.

3. O desafio à tradição: a introdução dos parâmetros da sustentabilidade

A urgência da inserção dos parâmetros da sustentabilidade em todos os campos do conhecimento, especialmente nos aspectos técnicos da configuração dos bens de consumo e principalmente na conscientização de novos modelos de comportamento, nos conduz a processos inovadores. Inovação entendida não como um movimento impulsionado de modismos vazios, mas como um fator estratégico do Design em sintonia com as questões do meio ambiente e com as questões sociais.

Por conta deste cenário, o desafio para o empresariado também se ampliou. Antes, a preocupação se limitava a certos ajustes técnicos relativamente simples. Agora se instaurou uma vasta coleção de ameaças, opções e oportunidades, que são de importância fundamental para o futuro. As regras do jogo se modificaram. A introdução da ecoeficiência no sistema industrial fez com que se instaurasse uma transformação de uma situação de poluição e

desperdício de recursos em outra de conservação. Desta forma, a ecoeficiência promove a redução do consumo de materiais, a redução de energia e de substâncias tóxicas, intensifica a reciclagem de materiais, maximiza o uso sustentável de recursos renováveis, prolongando a durabilidade dos produtos e como consequência agrega valor aos bens e serviços.

O conceito de sustentabilidade impõe variáveis qualitativas. Portanto, a satisfação das necessidades dos indivíduos, através do seu relacionamento com os objetos, apresenta-se, no cenário atual, impregnada de uma responsabilidade social e ambiental. Inovar é buscar soluções para um mundo em que 20% não abrem mão de alterar seus hábitos de consumo e 80% querem consumir como aqueles outros 20%. Este dado representa um imperativo categórico na questão ambientalista no que se refere a cultura de consumo.

A partir desta reflexão, iniciamos nossa trajetória descortinando o cenário de um único objeto: o livro. De acordo com a visão inovadora da sustentabilidade, não é suficiente melhorar o que já existe, mas inserir novos paradigmas para que se torne viável a vida em nosso planeta.

Os impactos ambientais, provocados pela produção incessante de papel, na nossa contemporaneidade, nos levam a refletir sobre um de seus mais importantes usos: o registro do conhecimento, da informação. E aqui se estabelece um contraponto a esta questão: a dificuldade de nos satisfazermos com o ambiente virtual, tal qual hoje ele nos é apresentado: através de uma tela rígida de um computador. Pois, o que se pretende atingir é a proximidade tátil com os dados coletados, impregnada de uma representatividade efetiva. No ambiente virtual tudo é fluido, se evapora. A permanência ainda se faz necessária. Portanto, é fato: nunca se gastou tanto papel para registrarmos a *enxurrada* de informações que nos acometem diariamente. Podemos considerar, desta forma, a importância da introdução do papel reciclado na esfera industrial, tornando relevante a preocupação com os impactos ambientais. A valorização, em forma de distinção, agrega valor a estes objetos.

A pergunta que aqui se apresenta pertence à esfera do pensamento inovador: O livro pertence àquela “classe” de objetos que foram feitos para durar? Ou ele possui o atributo da descartabilidade? Importante lembrar, que não está em pauta somente o desejo da permanência por uma questão subjetiva. Ao responder afirmativamente à primeira indagação, encontra-se eco no pensamento de William McDonough e William Braungart, autores do livro *Cradle to Cradle* - que foi produzido de material plástico -:

Este livro não é uma árvore. Ele é impresso em um papel sintético (...). Diferente do papel que nos é familiar, este não utiliza polpa de madeira ou fibras de algodão, mas é feito de resinas plásticas e fibras inorgânicas. Este material é não somente à prova d'água, extremamente durável, e (em muitas localidades) reciclável por meios convencionais (...). (McDonough e Braungart, 2002, p.5).

Importante ressaltarmos algumas observações acerca dos autores do livro que está sendo abordado neste artigo. William McDonough, arquiteto por formação, se dedica a pesquisas de processos que “caminhem” para um cenário sustentável. Em 1996, recebeu o prêmio de Desenvolvimento Sustentável nos Estados Unidos, o mais alto reconhecimento de honra pelo

seu trabalho na esfera ambiental. É reconhecido por seus projetos “verdes”, como, por exemplo, a nova fábrica da Ford. Em 1999, a revista Times o considerou um “herói para o planeta”, pois estava modificando, na teoria e na prática, os princípios do Design no mundo. Ao registrar suas reflexões, utilizou o próprio suporte como sendo um artefato projetado para ser inserido neste cenário. William Braungart é químico e fundador da *Environmental Encouragement Agency* (EPEA), na Alemanha. Antes de trabalhar no EPEA, foi diretor do departamento de química do Greenpeace. Desde 1984, pesquisa novos materiais e conceitos da química ecológica. Os dois se associaram, em 1995, e desde então têm desenvolvido projetos, de forma interdisciplinar, com o foco direcionado para os parâmetros da sustentabilidade. Seus projetos não se limitam a produtos, mas, se ampliam a uma perspectiva para compor cenários sustentáveis.

No que diz respeito ao livro em si, cabe salientar alguns aspectos técnicos que reforçam uma mudança de paradigma no âmbito editorial. Seu formato é minimalista: 12.5 cm x 20.5 cm. As bordas das páginas do livro são dotadas de uma configuração não convencional: são arredondadas, eliminando, desta forma, as famosas “orelhas” decorrentes do manuseio. O livro é fácil de guardar e de manusear. Trata-se de um objeto agradável de se relacionar. O plástico lembra o papel na medida em que é possível escrever sem dificuldades na sua superfície. A sua textura também não causa estranhamento e possui gramatura relativa aos livros encontrados normalmente nas livrarias. O seu maior atributo é a simplicidade que se destaca na prateleira. Desta forma, no cenário da sustentabilidade, este livro é um objeto com um ciclo de vida longo. Cabe produzi-lo de um material proveniente da reciclagem de objetos nocivos ao meio ambiente, como as embalagens plásticas, para que se torne durável. Por conseguinte, os novos valores que nortearão nossas vidas necessitam estarem próximos da simplicidade e da responsabilidade sócio ambiental.

Outra tecnologia que vem sendo estudada e testada em relação à leitura é o *e-paper*. Recentemente surgiu como um substituto do papel, mas encontra-se em processo de assimilação. A Phillips, por exemplo, desenvolveu e está promovendo uma série de testes com um tipo de *e-paper* que promete reverter este quadro nos próximos anos. Através de uma folha eletrônica de alta resolução, flexível, com 0.3 mm de espessura, simulando uma folha convencional, a supera: ao se dobrar, não amassa. O *e-paper* traz novas possibilidades para a relação com as informações, tais como imagens em movimento.

A utilização do *e-paper* não se restringe aos pequenos formatos. Painéis informativos em áreas de grande circulação também podem fazer uso desta tecnologia. Nos Estados Unidos, em 1999, uma das maiores redes de lojas de departamentos, a J. C. Penney, inaugurou o primeiro painel usando papel eletrônico da empresa E-Ink. No departamento de esportes da filial em Marlborough (Massachusetts) foi colocado no teto da loja um cartaz *e-paper* curvo com apenas 0.3 mm de espessura. Posteriormente, instalaram painéis semelhantes nas filiais de Dallas e Chicago. O sucesso do painel ocorreu não apenas pelo suporte inovador, mas também pelo fato de gerar um baixo consumo de eletricidade. Outra grande vantagem na implementação do *e-paper* em painéis informativos, diz respeito à facilidade de trocas de mensagens através de um *pager* ou de um pequeno terminal Internet embutido nos mesmos. Desta forma, informações de diversas naturezas podem ser alteradas constantemente em

questões de segundos numa única loja ou em suas filiais, num jornal estadual ou em diversos jornais de um país, e outros tantos exemplos que possamos imaginar.

O *e-paper* é mais econômico, já que o leitor precisa comprar o suporte somente uma vez. É possível, com estes modelos recentes, enrolá-lo e colocá-lo “de baixo do braço”, o que o aproxima do gestual do livro impresso. No entanto, este papel pós-moderno provavelmente não irá tomar lugar do livro convencional. Ele se apresenta como um novo suporte embasado em uma nova tecnologia, que visa outras possibilidades de leitura. Em geral, o surgimento de uma nova tecnologia mistura-se com a tecnologia a que se refere e compara, mas com o tempo o que ocorre é uma nova possibilidade, neste caso, de leitura. Assim foi com a fotografia em relação à pintura, com a televisão em relação ao cinema e, assim por diante.

É estranho pensar em um livro em suportes diferenciados? Ao primeiro contato com tais objetos é difícil reconhecer este material de imediato. No caso do livro de plástico, a textura deslizante permite uma impressão límpida, pois não ocorre a absorção da tinta. A durabilidade é incontestável. Definitivamente não é o alimento predileto das traças e dos cupins.

Nos dois casos descritos acima, - o livro de plástico e o *e-paper*, o manuseio pode correr de mãos em mãos, proporcionando o compartilhamento de seu conteúdo. Afinal, estamos diante de objetos inseridos nos parâmetros da sustentabilidade. A questão social se manifesta. O suporte permite, com dignidade, a disseminação da informação. Falta, no entanto, o enfrentamento da questão cultural em relação ao desapego dos paradigmas da sociedade de consumo que se estabeleceram segundo a consolidação de valores pré-determinados por interesses econômicos específicos.

A ferramenta que ora apresentamos, através do conceito da sustentabilidade, é a análise do ciclo de vida dos objetos. Cabe a esta análise identificar os fatores que norteiam o nascimento de um objeto até a sua “morte”. Na perspectiva da sustentabilidade o descarte passa a ser um fator de questionamento: descartamos porque o desejo se esvaziou, descartamos porque o envelhecimento deteriorou o objeto ou esta deterioração ocorreu pela ausência da necessidade? Duas questões estão comprometidas na análise de ciclo de vida dos livros: a questão ambiental e a questão social.

4. Considerações finais

Enfim, os livros que nos cercam podem ser feitos de outros materiais diferentes do papel? Um forte ruído apresenta-se. A rejeição surge imediatamente muito antes do argumento. Enfim, por que fabricar um livro em plástico ou em uma folha eletrônica, desafiando a tradição e o conceito? Afinal, o material possui tal poder por si só ou o homem confere ao mesmo essa suposta autoridade? A sociedade contemporânea imprime uma quantidade inimaginável de livros. Muito além da possibilidade humana de ler e refletir tais informações. A quantidade e o exagero, tônica da atualidade, sufocam o ser humano que se distancia cada vez mais das suas especificidades em função de um modelo supra-humano. Assim, faz-se necessário construir opções para o futuro e, nesse momento o design pode atuar pela sua capacidade de identificar necessidades e propor soluções inovadoras.

A idéia não é defender os novos materiais como a “salvação”, mas, sim como uma possibilidade real que já se concretizou, que se apresenta graficamente com qualidade e relevância e que pode significar uma mudança significativa de paradigma e, principalmente de atitude na sociedade e nos meios gráficos de criação e produção. Em tese, a maioria da população considera legítima a busca de alternativas para a preservação de recursos relativos ao meio ambiente. No entanto, cada vez mais se evidencia um hiato entre a idéia e a concretização por meio de ações transformadoras.

Como podemos imaginar a transição para a sustentabilidade? Os caminhos poderiam ser diversos, dos mais traumáticos (uma transição forçada por efeitos catastróficos, que de fato obrigam a uma reorganização do sistema) aos mais indolores, uma transição por escolha, isto é, como efeito de mudanças culturais, econômicas e políticas voluntárias que progressivamente reorientem as atividades de produção e de consumo). E não só; a transição poderia levar a um aumento das desigualdades e das injustiças sociais (alguns poucos gozando de altos padrões de vida e muitíssimos sobrevivendo com muito pouco) ou uma sociedade mais equilibrada e justa. (...). (Manzini, 2002, p.45).

O primeiro passo, para a implementação de prioridades encontra-se na construção de um alicerce para a conscientização de que vivemos numa sociedade da descartabilidade e numa cultura do desperdício. Focando nossa atenção no Design da Informação, podemos afirmar que existe uma impregnação no seu campo, tanto da descartabilidade quanto do desperdício. Isto ocorre em função do excesso de informações e da valorização da quantidade em relação à qualidade.

A desmaterialização do suporte informacional compõe uma das perspectivas sustentáveis. Mas, como já discutimos sobre o ambiente virtual, ele, hoje, é “coadjuvante” na disseminação da informação. O livro continua sendo o “ator principal”. Desta forma, precisamos repensar e reinventar o objeto pertinente a nossa cultura material: o livro. Hoje, no Ocidente, descartamos livros não por uma imposição de regimes autoritários, mas por imposição da cultura do desperdício representada pela volatilidade informacional.

Nota

1. CALVINO, Ítalo. *Se um viajante numa noite de inverno*. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

Referências

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 1998.
_____. (org). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

COELHO, Luiz Antonio. **Tal objeto, tal dono**. In: LOPES, Luiz da Moita & BASTOS, Liliana Cabral (orgs.) (2002) *Identidades. Recortes Multi e Interdisciplinares*. Campinas: Mercado das Letras, 2002. pp.69-81

LÉVY, Pierre . **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 2003.

MANZINI, Ezio e VEZZOLI, Carlo. **O Desenvolvimento de Produtos Sustentáveis: Os Requisitos Ambientais dos Produtos Industriais**. São Paulo: Edusp, 2002.

MCDONOUGH, William & BRAUNGART, Michael. **Cradle to Cradle**. Remaking the way we make things. New York: North Point Press, 2002.

MONTEIRO, Elis. **O novo papel**. Jornal O Globo. Rio de Janeiro, 28 jan. 2008. Caderno INFOetc.

PIGNATARI, Décio. **Informação Linguagem Comunicação**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

SCHMIDHEINY, Stephan. **Mudando o Rumo: Uma Perspectiva Empresarial Global sobre Desenvolvimento e Meio Ambiente**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1992.